

Crônica setentrional: Canadá

Texto e fotos de
João Vicente Ganzarolli de Oliveira
Professor titular do NCE/UFRJ

<https://espacoalexandria.ufrj.br/category/artigos>

Pensa antes de falares!

Provérbio canadense

Publicado em 13 de maio de 2024.



Leif Erikson, um dos primeiros europeus a pisarem em solo
Canadense (escultura feita por Alexander Stirling Calder
[Reikjavique, Islândia])

Certeza nunca teremos, mas são fortes os indicativos que nos levam a crer que a palavra “Canadá” deriva de kanata, que, na língua dos antigos índios iroqueses, significa “aldeia”. Quer creiamos nela, quer não, o importante nessa possível derivação é o fato de utilizarmos o termo designativo de uma realidade geográfica tão pequena para nos referirmos a um dos maiores países do mundo. Estamos falando de uma superfície territorial da ordem de dez milhões de quilômetros quadrados e banhada por três oceanos: o Atlântico a Leste, o Pacífico a Oeste e o Glacial Ártico ao Norte. Descendentes das primeiras levas

de asiáticos que começaram a povoar as Américas há cerca de quarenta mil anos, os aborígenes do Canadá são os inuítes, os métis (ou seja, “mestiços”) e as chamadas “primeiras nações”, ou seja: grupos autóctones que viviam ao sul do Círculo Polar Ártico e da linha das árvores, que vem a ser o limite do habitat a partir do qual as árvores são incapazes de crescer, mercê da altitude e da proximidade dos polos terrestres.



Museu Canadense de História, em Ottawa: o habitat ideal para historiadores, antropólogos e afins.

Evidências indicam que os primeiros europeus a pisarem o solo canadense foram os vikings guiados pelo navegante islandês Leif Erikson, filho de Erik o Vermelho, nascido na Noruega e descobridor da Groenlândia – tudo isso por volta do ano 1000 (meio milênio, portanto, antes de o genovês Cristóvão Colombo haver chegado às Antilhas). Aparentemente, foi preciso esperar até 1497 para que outros europeus (no caso, os membros da esquadra inglesa comandada pelo italiano Giovanni Caboto) alcançassem a costa atlântica do Canadá. Digo aparentemente porque a possibilidade é grande de que pescadores bascos (talvez, seguindo as pegadas marítimas dos vikings que conheceram na costa atlântica da Ibéria) hajam frequentado o litoral americano entre os séculos XI e XV. Foram muitos os bascos que abrilhantaram as páginas históricas referentes à Era dos Descobrimentos; que se pense em Juan Sebastián Elcano, Vasco da Gama, Juan de Arbolancha, Iñigo de Artieta e tantos outros, realidade que verticaliza sua aptidão inata para navegar. Don Blas de Lezo y Olavarrieta (1689-1741), talvez o maior nome da história da Marinha de Guerra Espanhola, era basco. São, a propósito, numerosas e provocantes as afinidades sonoras existentes entre algumas palavras pertencentes a certas línguas nativas da América do Norte e o idioma basco. Giovanni Caboto, quando alcançou a costa canadense, encontrou nativos que falavam nada mais nada

menos que euskera, ou seja, a língua do povo basco, possivelmente o mais antigo de toda a Europa¹. Em 1534 chegaram os franceses liderados pelo explorador Jacques Cartier e inauguradores de uma rivalidade anglo-francesa que dura até hoje: vide, por exemplo, o bilinguismo reinante em Montreal e o Movimento pela Soberania do Quebec, que pretende fazer do Quebec – a maior de todas as províncias canadenses e a que contém o segundo maior contingente populacional – um país independente e francofônico.



cena quebequiana

Com apenas 4,2 habitantes por quilômetro quadrado, o Canadá está entre os primeiros países da lista de baixa densidade demográfica, lista essa encabeçada pela Groenlândia, onde existe somente um habitante para cada dez quilômetros quadrados. Por motivos sobretudo climáticos (a maior parte do Canadá é literalmente gelada), a maioria da população canadense vive nas proximidades da fronteira com os Estados Unidos, ou seja, ao sul do paralelo 55 N. Conhecido como um dos principais focos do ateísmo na contemporaneidade, o Canadá vê a sua religiosidade diminuir com o aumento da longitude. De fato, quanto mais nos afastarmos da costa leste (onde aportaram os primeiros europeus, trazendo consigo o cristianismo), menos igrejas encontraremos nas cidades e menos bíblias veremos nas casas. Quanto aos grandes nomes da cultura canadense, destaca-se o escocês Alexander Graham Bell (1847-1922), que veio a adotar o Canadá como sua segunda pátria, onde terminou seus dias e foi sepultado. Em homenagem ao pai do telefone, selecionamos uma de suas sentenças para concluir esta crônica setentrional: “Geralmente, um homem deve muito pouco ao que ele recebe ao nascer; um homem é aquilo que ele faz de si mesmo”.

¹- Cf. Mark Kurlansky. The Basque History of the World, Londres, Vintage Books, 2000.



No leste canadense, onde a herança francesa é mais forte, a religiosidade persiste.